

# Médicos aderem à campanha pelo Fundo do DF

A Federação Nacional dos Médicos e o Sindicato dos Médicos do Distrito Federal decidiram dar apoio total à campanha pela criação do Fundo Especial do Distrito Federal iniciada pelo **CORREIO BRAZILIENSE** com o objetivo de sensibilizar deputados e senadores para aprovar emendas à revisão constitucional que destinam recursos permanentes para as áreas de saúde, educação e segurança. A secretária-geral da federação e líder do colégio de diretores do sindicato, Maria José da Conceição, justificou a adesão ao movimento por considerá-lo “um caminho para se resgatar a dignidade dos médicos de Brasília, ironicamente as principais vítimas do caos em que se transformou o sistema de saúde do DF”.

Os médicos, junto aos professores e policiais, integram uma das categorias que mais têm sofrido com a dependência de Brasília em relação a recursos da União para manutenção de servi-

ços e equipamentos públicos. Com salários considerados um dos mais baixos do mundo, os médicos têm que conviver com conflitos, para ela, “inaceitáveis”, quando chegam ao ponto de ter de optar por atender a um paciente, em detrimento do risco de morte que imputa a outro, por falta de condições de atender a atual demanda de pacientes, de medicamentos e equipamentos. “Como é possível se falar em ética médica diante de uma situação que consideramos ser de guerra”, desabafa, citando que o descaso do Governo Federal tem colocado o Distrito Federal em patamares somente encontrados nos mais pobres países africanos. Segundo a Organização Mundial de Saúde, afirma ela, um atendimento médico regular presume uma média de 12 pacientes para uma carga de quatro horas de trabalho nos ambulatórios. Em Brasília, os médicos chegam a atender até 40 pacientes. “É impossível assegurar padrões de qualidade”, reclama.

**Pronto-Socorro** — Gravidade maior, entretanto, ela aponta existir nos prontos-socorros, onde os médicos são obrigados a selecionar pacientes graves e ficar indiferentes ao fato de acabar condenando alguém à morte. “Diante de um quadro em que faltam até alimentos nos hospitais, o profissional vive num permanente stress”, diz Maria José, ela própria uma das plantonistas que trabalham no HBDF onde, em dezembro passado, assistiu a uma das mais sérias crises de falta de equipamentos e medicamentos elementares, como linha de sutura, anestésicos e analgésicos.

O Sindicato dos Médicos, entidade que reúne cerca de 3 mil 800 profissionais de Brasília, apesar de ligado à CUT, que é contrária à revisão, segundo ela, vai atuar junto aos parlamentares para aprovar as emendas apresentadas pela bancada do Distrito Federal na revisão constitucional em favor da criação do Fundo de Brasília.